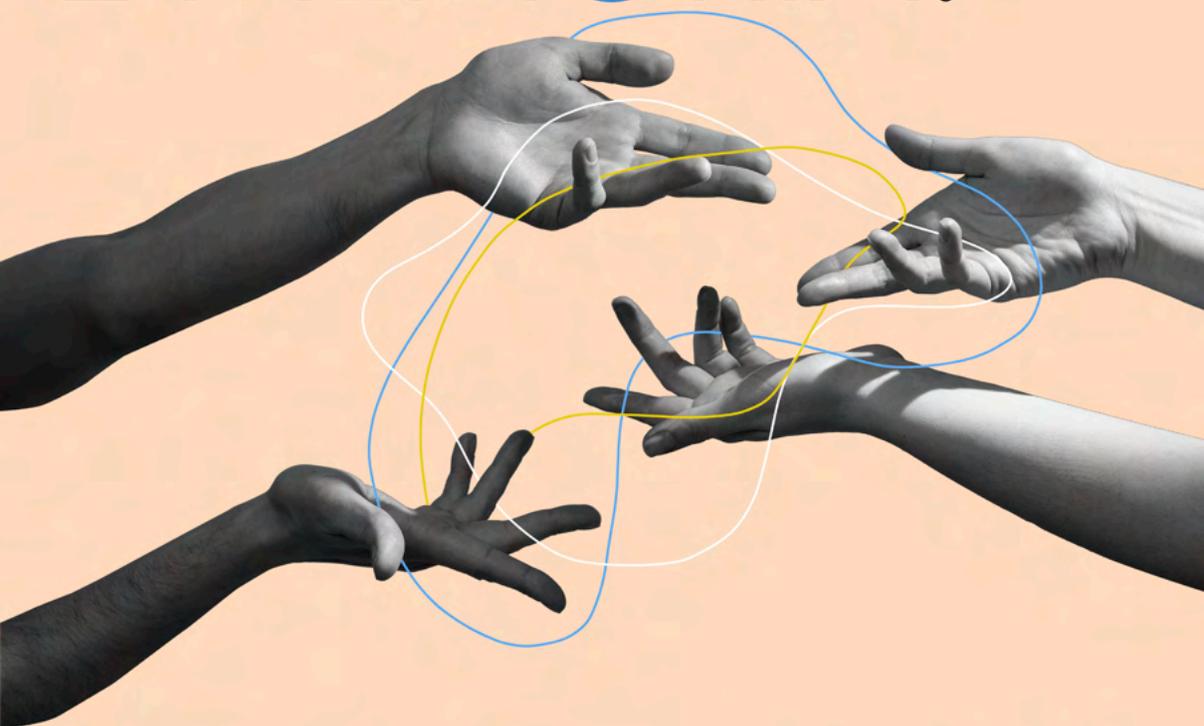


# CULTURA, SOCIEDADE E MEMÓRIA:



Manifestações e influência na atualidade

Edwaldo Costa  
Rodrigo Daniel Levoti Portari  
(Organizadores)

  
Ano 2021

# CULTURA, SOCIEDADE E MEMÓRIA:



Manifestações e influência na atualidade

Edwaldo Costa  
Rodrigo Daniel Levoti Portari  
(Organizadores)

  
Ano 2021

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Camila Alves de Cremona

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

## Cultura, sociedade e memória: manifestações e influência na atualidade

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Flávia Roberta Barão  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizadores:** Edwaldo Costa  
Rodrigo Portari

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C968 Cultura, sociedade e memória: manifestações e influência na atualidade / Organizadores Edwaldo Costa, Rodrigo Portari. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-663-5

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.635212311>

1. Cultura. 2. Sociedade. 3. Memória. I. Costa, Edwaldo (Organizador). II. Portari, Rodrigo (Organizador). III. Título.  
CDD 306.098

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

## APRESENTAÇÃO

Este e-book são manifestações e influência da fecunda e complexa experiência humana na atualidade, vista aqui pelo prisma do tripé Cultura, Sociedade e Memória, novelo que dá título à obra. Com visão multidisciplinar, os artigos científicos elucidam a cultura numa abordagem abrangente, como um conjunto de relações humanas, em suas formas materiais e imateriais, o que revela a diversidade cultural presente nos temas do cotidiano. Seguindo esse horizonte, são abordadas: arte e cultura na área da enfermagem de Pediatria do Hospital de Clínicas da Unicamp; o sagrado e a simbologia da benzedura; lutas e resistência na conservação da cultura folclórica; análise das obras com bonecas de Hans Bellmer e Gérard Quenum, a partir das questões de representação, infância, violência e sexualidade; Mia Couto: memória e 'tradução cultural' em O Último Voo do Flamingo; reflexões sobre as relações entre arte brasileira, meio-ambiente e as novas tecnologias; projetos culturais Guarani Mbya; a ressignificação e a remontagem de materiais com filmes do expressionismo alemão; a experiência formativa proposta na Base Nacional Comum Curricular (BNCC); inclusão e exclusão de pessoas com deficiência em contextos de preconceito na educação não formal; psicólogos/as e suas falas sobre jovens pobres: formação e práticas de exclusão social; abrigos de bondes em Salvador e; mulheres compositoras no Pará, recuperando suas identidades, práticas e produções artísticas. Ao longo dos doze capítulos que integram o e-book, uma diversidade de temas e recortes são elencados, abordando as relações entre cultura, sociedade e memória colocando em cena seus processos de construção, afirmação e resistências. Um dos objetivos deste e-book é propor análises e fomentar discussões a partir de diferentes pontos de vista: político, social, filosófico e literário. Como toda obra coletiva, esta também precisa ser lida tendo-se em consideração a diversidade e a riqueza específica de cada contribuição. Por fim, espera-se que com a composição diversa de autores e autoras, temas, questões, problemas, pontos de vista, perspectivas e olhares, este e-book ofereça uma contribuição plural e significativa.

Edwaldo Costa  
Rodrigo Portari

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
ARTE E CULTURA NAS ENFERMARIAS – A HUMANIZAÇÃO ATRAVÉS DAS VIVÊNCIAS CULTURAIS	
Geraldo José Camargo Celso Ribeiro de Almeida	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.6352123111">https://doi.org/10.22533/at.ed.6352123111</a>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>3</b>
A MÍSTICA E OS MITOS DA FLORESTA NA BENZIÇÃO AMAZÔNICA	
Deilson do Carmo Trindade	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.6352123112">https://doi.org/10.22533/at.ed.6352123112</a>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>15</b>
GUERREIRO SÃO PEDRO ALAGOANO: LUTAS E RESISTÊNCIA NA CONSERVAÇÃO DA CULTURA FOLCLÓRICA (MACEIÓ, 1990- 2020)	
Verônica Lopes dos Santos	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.6352123113">https://doi.org/10.22533/at.ed.6352123113</a>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>27</b>
MIA COUTO: MEMÓRIA E ‘TRADUÇÃO CULTURAL’ EM <i>O ÚLTIMO VOO DO FLAMINGO</i>	
José Paulo de Lemos e Melo Cruz Pereira	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.6352123115">https://doi.org/10.22533/at.ed.6352123115</a>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>44</b>
O MANIFESTO PAU-BRASIL DEPOIS DA BIENAL INCERTEZA VIVA: REFLEXÕES SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE ARTE BRASILEIRA, MEIO-AMBIENTE E AS NOVAS TECNOLOGIAS	
Italo Bruno Alves	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.6352123116">https://doi.org/10.22533/at.ed.6352123116</a>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>55</b>
PROJETOS CULTURAIS GUARANI MBYA: <i>PROAC INDÍGENA</i>	
Alzira Lobo Arruda Campos Marília Gomes Ghizzy Godoy Mônica Salles da Silva	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.6352123117">https://doi.org/10.22533/at.ed.6352123117</a>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>71</b>
REOLHAR DO MEDO	
Vitor Henrique Teodoro de Almeida	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.6352123118">https://doi.org/10.22533/at.ed.6352123118</a>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>76</b>
“PRECISA-SE” DE UM NOVO TRABALHADOR PARA A SOCIEDADE BRASILEIRA: UMA	

## ANÁLISE SOBRE A EXPERIÊNCIA FORMATIVA PROPOSTA NA BNCC

George Ivan da Silva Holanda

Gabriela Barbosa Guimarães

Suélen Keiko Hara Takahama

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6352123119>

### **CAPÍTULO 9..... 87**

#### **INCLUSÃO E EXCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA EM CONTEXTOS DE PRECONCEITO NA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL**

Francisco Renato Silva Ferreira

Miguel Melo Ifadireó

Vanessa de Carvalho Nilo Bitu

José Willyam de Sousa Silva

Alyne Andrelyna Lima Rocha Calou

Cecília Bezerra Leite

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.63521231110>

### **CAPÍTULO 10..... 95**

#### **PSICÓLOGOS/AS E SUAS FALAS SOBRE JOVENS POBRES: FORMAÇÃO E PRÁTICAS DE EXCLUSÃO SOCIAL**

Vladya Tatyane Pereira de Lira

Fatima Maria Leite Cruz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.63521231111>

### **CAPÍTULO 11..... 109**

#### **ABRIGOS DE BONDES EM SALVADOR**

Manuella Araújo de Souza

Cybèle Celestino Santiago

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.63521231112>

### **CAPÍTULO 12..... 122**

#### **MULHERES COMpositoras: CANÇÕES DA *BELLE ÉPOQUE* À PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX NO PARÁ**

Dione Colares de Souza

Leonardo José Araujo Coelho de Souza

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.63521231113>

### **SOBRE OS ORGANIZADORES ..... 134**

### **ÍNDICE REMISSIVO..... 135**

# CAPÍTULO 3

## GUERREIRO SÃO PEDRO ALAGOANO: LUTAS E RESISTÊNCIA NA CONSERVAÇÃO DA CULTURA FOLCLÓRICA (MACEIÓ, 1990- 2020)

*Data de aceite: 01/11/2021*

**Verônica Lopes dos Santos**

**RESUMO:** Este artigo apresenta como temática a questão a manifestação artística do Guerreiro Alagoano lançando um olhar específico ao grupo denominado Guerreiro São Pedro Alagoano, que atua na cidade de Maceió. O Guerreiro, uma espécie de folguedo natalino semelhante ao reisado tem características próprias que o faz ser encontrado somente no Estado de Alagoas. O presente artigo se objetiva a analisar o Guerreiro Alagoano tomando como partida o conceito de folclore e de cultura popular. Serão analisadas as características históricas do Estado de Alagoas e em que medida isso influenciou na composição do Guerreiro. Serão também detalhados os personagens e a estrutura dessa manifestação e o que a faz ser única. Serão observadas também as dificuldades encontradas por esses grupos para continuarem existindo, visto que participar dessas manifestações não é algo mais atrativo à população jovem na atualidade. Isso talvez se explique pela ausência de uma educação para o folclore e suas manifestações na escola. A metodologia utilizada nesse artigo consiste na pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo. Espera-se obter como resultados uma explanação convincente acerca do Guerreiro mais do que como uma expressão folclórica, mas sim, como um contributo à conservação da memória e da identidade do povo alagoano e que precisa ser mais valorizado pelas esferas

públicas e civis da sociedade culminando com uma maior valorização do Guerreiro Alagoano.

**PALAVRAS -CHAVE:** Guerreiro Alagoano; folclore; cultura popular; educação.

**GUERREIRO SÃO PEDRO ALAGOANO: STRUGGLES AND RESISTANCE IN THE CONSERVATION OF POPULAR CULTURE (MACEIÓ, 1990-2020)**

**ABSTRACT:** This article presents as the theme the issue the artistic manifestation of the Alagoas Warrior launching a specific look at the group called Guerreiro São Pedro Alagoano, which operates in the city of Maceió. Guerreiro, a species of Christmas folguedo similar to the reised one has its own characteristics that makes it found only in the State of Alagoas. This article aims to analyze the Alagoas Warrior taking as a departure the concept of folklore and popular culture. The historical characteristics of the State of Alagoas will be analyzed and to what extent this influenced the composition of the Warrior. The characters and the structure of this manifestation will also be detailed and what makes it unique. The difficulties encountered by these groups to continue existing will also be observed, since participating in these manifestations is not something more attractive to the young population today. This may be explained by the absence of an education for folklore and its manifestations in school. The methodology used in this article consists of bibliographic research of a qualitative nature. It is expected to obtain as results a convincing explanation about the Warrior rather than as a folk expression, but rather as a contribution to the

conservation of the memory and identity of the Alagoas people and that needs to be more valued by the public and civil spheres of society culminating in a greater appreciation of the Alagoas Warrior.

**KEYWORDS:** Alagoas Warrior; folklore; popular culture; education.

## 1 | INTRODUÇÃO

Para realizar bem qualquer estudo social é preciso compreender inicialmente que o conceito de sociedade é amplo e complexo e uma compreensão condizente com os estudos contemporâneos deve considerar a sociedade como um conjunto de agrupamentos humanos nos quais ocorre uma interação motivada pela cultura, linguagem, costumes, regras e normativas, conteúdos que são compartilhadas entre os integrantes. Esses grupos vão com o passar do tempo produzindo conhecimentos que são perpetuados que se traduzem por tradições, costumes, crenças, expressões linguísticas, culinária, dança etc. Esse conhecimento popular que se perpetua no desenvolver da sociedade é base para o conceito de folclore e conseqüentemente de cultura popular (GONÇALVES; GRAUPMANN, 2017).

Ambos os conceitos precisam ser bem compreendidos para que não se cair no reducionismo que entende o folclore e a cultura popular como sendo cultura dos não letrados, em que os seus autores são sujeitos desprovidos de conhecimento intelectual, essa afirmação é algo digno de cautela em toda a sua expressão. Outra ideia que precisa ser combatida é a que entende a questão da cultura e suas manifestações como algo alegórico, que remete à tradições do passado, no sentido de ser apenas uma arte sem representatividade, sem conteúdo que nada mais representa nos dias atuais.

Portanto, o objetivo desse trabalho é refletir sobre a importância da cultura popular e de como ela se manifesta especialmente no Estado de Alagoas sob a forma de uma espécie de folguedo tradicionalmente conhecido como Guerreiro Alagoano. Busca refletir as origens e o percurso histórico dessa manifestação e como ela atua hoje como uma forma artística de resistência social e luta para continuar viva enquanto expressão cultural de um povo.

A metodologia utilizada nesta pesquisa tem caráter qualitativo e se caracteriza pela revisão de literatura e reúne os conhecimentos científicos já produzidos sobre a temática investigada, por meio de artigos e demais trabalhos publicados em revistas e nas principais plataformas de pesquisa que incluem as mais importantes Universidades públicas e privadas do país.

## 2 | CULTURA POPULAR ALAGOANA E O GUERREIRO SÃO PEDRO

O Guerreiro Alagoano enquanto manifestação artístico-popular será mais bem compreendido ao se inserir no âmbito mais amplo do folclore e da cultura popular por isso uma explanação ainda que sintética, sobre esses conceitos se faz necessária. O termo

folclore foi cunhado pelo inglês William J. Thomas, em 22 de agosto de 1846. Thomas “mandou uma carta à revista *The Atheneum*, de Londres, com a finalidade de pedir apoio para um levantamento de dados sobre usos, tradições, lendas, baladas religiosas daquele país” (ARAÚJO, 2005, p.10). O inglês utilizou-se de duas palavras para compor a nova palavra folk, significando povo, e lore, que quer dizer conhecimento ou ciência. Ou seja, folclore indica a expressão cultural mais legítima de um povo. A data de publicação da carta, 22 de agosto, tornou-se mundialmente reconhecida como Dia do Folclore.

Contudo, o próprio contexto de idealização do termo deixa transparecer a ideia da existência de uma cultura mais erudita(alta) e outra popular (baixa). Assim, o conceito de folclore enquanto um “saber do povo” funcionava por demarcar a fronteira das manifestações culturais das camadas sociais abastadas em relação àquelas mais amplamente difundidas. Os conceitos deixavam transparecer uma diferença exclusivista. Pois “legitima-se, assim, a existência de uma dicotomia estrutural da sociedade: de um lado, uma elite – que promoveria o progresso – e de outro, o povo – representando a permanência das formas culturais” (CATENACCI, 2001, p.31).

Este artigo reconhece a amplitude do conceito de cultura popular e de como ele está envolto em polêmicas. Ao mesmo tempo em que ela acontece nas fendas da cultura da cultura erudita e dominante ao mesmo tempo, a cultura popular apresenta elementos de recusa e confronta-se a essa cultura dominante. O que fica evidente é a difícil tarefa de separar cultura popular e cultura erudita, de modo que, a cultura popular acaba se estabelecendo como “um instrumento que serve para auxiliar no sentido de colocar problemas, evidenciar diferenças e ajudar a compreender a realidade social e cultural” (DOMINGUES, 2011, p. 416).

Nesse sentido, muitos estudiosos não precisam necessariamente apenas se contraporem, mas elas podem se comunicar, ressaltando assim o caráter plural e multifacetado que está presente em ambas. Nesse sentido, a cultura popular pode ser entendida como “como um processo plural, multifacetado, em constante criação e recriação; uma forma de resistência à ideologia dominante ou, ao contrário, como fruto dessa mesma dominação, entendida como o resultado de uma relação de tensão entre os interesses [...]” (DOMINGUES, 2011, p.416-417).

Contudo, o que deve permanecer e isso será evidenciado nesse artigo é o caráter diverso e múltiplo presente nas manifestações da cultura popular sem evidentemente negar sua atuação enquanto resistência. Essas dimensões são as que vão nortear o estudo acerca do folclore que foi desenvolvido no Brasil. Aliás, o folclore é essencial para entender a cultura brasileira, falar do folclore brasileiro é falar concretamente dessa diversidade. E por isso há de se considerar “que não há povo sem cultura e sem folclore. Mesmo que sejamos subjetivos, ainda estamos inseridos em um todo e isto porque tudo aquilo que, existindo como forma peculiar de sentir e pensar o mundo, existe também como costumes e regras de relações sociais” (GONÇALVES; GRAUPMANN, 2017, p. 6286).

Muitos brasileiros dedicaram-se a estudar o folclore e suas diversas manifestações no país. Mario de Andrade, precursor das artes modernas no Brasil foi um dos primeiros a se dedicar estudos ao folclore nacional, tornando-se fundador da Sociedade de Etnologia e Folclore, em São Paulo. Outras figuras ilustres do cenário nacional, que também voltaram um olhar perante essas práticas populares, foram: “Câmara Cascudo no Rio Grande do Norte; Théo Brandão em Alagoas e até a escritora Cecília Meireles incorporou elementos folclóricos na sua escrita” (SANTOS, 2021, p.12).

Outro acontecimento importante a ser destacado foi a criação da Fundação Nacional do Folclore em 1947. Atualmente esse órgão chama-se Centro nacional de Folclore e Cultura popular e está ligado ao IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e subordinados ao Ministério da Cultura. Este órgão possui sua importância pois “desenvolve e executa programas e projetos de estudo, pesquisa, documentação, difusão e fomento de expressões dos saberes e fazeres do povo brasileiro” (SANTOS, 2021, p.13).

Diante de todo o exposto compreende-se que o folclore “cria um significado único a um povo e todos os seus festejos [...] fazendo parte do grande âmbito cultural, caracteriza grupos e suas relações, pois cultura, desse modo, é tudo aquilo que o homem vivencia, realiza, adquire e transmite por meio da linguagem” (GONÇALVES; GRAUPMANN, 2017, p. 6286). Ou seja, o folclore está ligado à identidade e à manifestação das múltiplas expressões contidas em uma determinada sociedade. O povo alagoense é reflexo dessa multiplicidade de expressões.

A grande diversidade cultural presente no Estado se deve possivelmente “à grande miscigenação, em decorrência da colonização europeia na costa nordestina, da permanência do trabalho de escravos africanos e do povoamento indígena nativos desta região” (SANTOS, 2021, p.09). De modo bastante breve será apresentada aqui um pouco da história do Estado de Alagoas e como ela reflete na rica composição folclórica presente na região.

No período colonial, o território que hoje compreende o Estado pertencia a Capitania de Pernambuco, sendo o mais antigo povoamento, a Vila de Penedo, fundada em 1545, às margens do rio São Francisco. À época da colonização duas grandes tribos indígenas ocupavam a região, a tribo dos Tupinambás e a dos Caetés. Esta última se envolveu em um episódio curioso que foi o “famoso incidente antropofágico com o primeiro Bispo do Brasil, D. Pero Fernandes Sardinha que foi devorado junto com a comitiva portuguesa pela nação Caeté, durante um naufrágio” (SILVA, 2015, p. 43).

Outro fato histórico que marca a história de Alagoas é a presença do Quilombo do Palmares. Alagoas recebeu expressiva quantidade de escravizados africanos em virtude da próspera produção açucareira da região. Estima-se que o quilombo tenha sido criado por volta de 1630 e resistido e chegado a contar com uma população de mais de 20 mil habitantes distribuídos em várias aldeias. Eles eram liderados por Zumbi que foi morto em 20 de novembro de 1695 marcado a destruição completa do quilombo (SILVA, 2015).

Em 1817, como fruto da Revolução Pernambucana o território consegue sua autonomia sendo elevada à categoria de Província. Seu primeiro governador foi Sebastião Francisco de Melo e Povoas, que assumiu em 22 de janeiro de 1819. Em 1824 a província adere à Confederação do Equador, movimento que buscava fazer uma parte do nordeste independente, mas que foi reprimida pelas forças do Império. Em 1839 a capital é transferida para a Vila de Maceió (SILVA, 2015).

Desde a época colonial, uma das principais atividades econômica de Alagoas esteve centrada no cultivo de cana de açúcar e é nesse cenário, de predominância rural, de composição social formada por trabalhadores especialmente negros e descendentes. É inegável a contribuição dos negros em manifestações como a do Guerreiro. Nesse sentido, pode se dizer que o Guerreiro “é considerado parte do folclore negro de Alagoas no entanto, suas matrizes históricas revelam, de uma certa maneira, as diversas contribuições estéticas presentes no Guerreiro Alagoano na perspectiva dessas misturas de povos e cruzamentos de matrizes estéticas e históricas” (SILVA, 2015, p.45).

É partir de um resgate histórico que se compreende o fato do Estado de Alagoas ser tão rico em atividades folclóricas. Estão presentes 29 folguedos e danças populares, sendo um dos maiores do Brasil em quantidade, entres eles, tem folguedos natalinos, carnavalescos e toré entre outros. Este artigo versará somente quanto ao Guerreiro. No que diz respeito a uma data precisa para o surgimento do Guerreiro existem muitas divergências, contudo, há uma certa convergência entre os estudiosos em determinar o fim da década de 1920 como época mais precisa. Embora, “o primeiro registro oficial que se tem sobre o guerreiro, é de 1954, quando ocorreu a apresentação de um grupo de Reisados em São Paulo, em um congresso sobre Folclore” (SANTOS, 2021, p.27).

Provavelmente, o Guerreiro é “resultante de uma unificação de alguns já conhecidos movimentos folclóricos pois ele traz consigo “características de diversas manifestações culturais, incorporando assim elementos de matrizes portuguesas com os Reisados e Pastoris, de matrizes indígenas com o Caboclinhos e de matrizes africanas com os Autos de Congo” (CAMPOS; MAGALHÃES, 2020, p.48). O nome vem de guerra e “a guerra é a metáfora do poder, da conquista e da luta dentro do espírito que rege as danças populares do tipo chamado Reisados, no entanto, o episódio da guerra origina-se do Auto dos Congos” (SILVA, 2015, p.46).

Ou seja, percebe-se que é uma manifestação que já surge evidenciando a resistência do povo. Mas é também ao mesmo tempo, uma manifestação religiosa, evidenciado pelas várias referências bíblicas e do calendário católico que “influi nos assuntos abordados nas apresentações e nas datas que elas acontecem. Pode-se afirmar, através dos relatos e da observação in loco, que a religiosidade não é o cerne do folguedo, mas é influxo importante” (SILVA, 2015, p.22).

Na verdade, “os temas criados, cantados e dançados durante as apresentações dos Guerreiros são diversos: política, brigas, agradecimento, esclarecimento sobre algum fato,

amor, ódio, amizade” (SANTOS; SILVA, 2014, p. 03). As letras das cantigas apresentadas durante o ato, por vezes são de autoria do próprio grupo de Guerreiro. Resultante da fusão de vários outros autos, o Guerreiro é entendido por alguns estudiosos como uma “mistura de fé, festividade e dança, essas questões nos remete a ideia de hibridismo cultural, conceito que indica riqueza na diversidade e a criatividade na fusão cultural” (SANTOS; SILVA, 2014, p.02).

A estrutura do Guerreiro é explicada em SILVA (2015, p. 49) conforme abaixo:

Na dança do Guerreiro Alagoano, assim como na maioria das nossas danças populares é o Mestre quem possui o conhecimento para reger e direcionar as partes da brincadeira. Ele utiliza de seu apito para direcionar as cenas, a orquestra e o coro. Os brincantes e os personagens desta prática espetacular giravam em torno de 50, 64, 25 ou 35 figurantes e personagens sendo os principais: Mestre, Contra-Mestre, Rei, Rainha (duas), Lira, Índio Peri e seus Vassallos, Mateus (dois), o Boi, Embaixadores (dois), General, Palhaços (dois), uma Catirina (às vezes), Sereia, Estrela de Ouro, Estrela Brilhante, Estrela Republicana, a Banda da lua e as Figuras ou os Entremeios. Os Mateus são espécies de palhaços ou bobos que tiram loas e peças

Todos os personagens possuem um figurino bastante característico por serem “vibrantes, roupas coloridas, diversas estampas chamativas, a utilização de muitas fitas e muito brilho, um excesso de adereço, os chapéis na cabeça enormes, [...], tudo isso é proposital, é para ser identificável e mostrar sua majestade e poder” (SANTOS, 2021, p. 28). Os principais personagens da dança embora já mencionados acima terão suas funções explicitadas agora para que se possa compreender a estrutura da dança.

Como em quase todas as manifestações folclóricas há uma personagem principal, que conduz toda a apresentação. No Guerreiro, essa função cabe ao mestre que “organiza as peças, guia os personagens, tira as embaixadas, tudo isso com o auxílio do apito” (CAMPOS; MAGALHÃES, 2020, p. 49). Assim se percebe que o mestre “é a figura principal do grupo, o líder, é quem conhece o Guerreiro a fundo, sendo responsável pelo grupo. É quem memoriza todas as músicas e quem dita o tempo de cada peça. É também o responsável pela parte administrativa” (COSTA; MENDONÇA; SILVA, 2019, p. 07).

Há também o contramestre que geralmente é um aprendiz do mestre auxilia o mestre na organização do Guerreiro, como se fosse um braço direito do mestre. Na composição do ato os personagens seguem uma hierarquia. Abaixo do contramestre, vem a rainha que tem como função “fazer com que os personagens não saiam de suas posições e ajuda nas organizações dos dois cordões ficando no meio do brinquedo. A rainha também acompanha o mestre na cantoria, na maioria das vezes responde perguntas feitas por ele”. (COSTA; MENDONÇA; SILVA, 2019, p. 07). Para poder assumir esse papel, a mulher precisa ter uma trajetória no grupo, e um bom desempenho, sabendo improvisar durante as músicas e cantar e dançar durante as peças.

Os palhaços também são importantes personagens na composição desse folgado. Eles têm a função de “animar o auto, caçoar dos brincantes/figuras, interagindo com o

público e com o Mestre; [...] Saber improvisar é uma das características principais do Palhaço, além de ter a cara pintada (negrume), pois é uma forma de entrar no personagem e camuflar a identidade do ator” (CAMPOS; MAGALHÃES, 2021, p. 49). Outros dois personagens femininos importantes são a sereia e a estrela de ouro que “se apresentam com um determinado ‘luxo’, cantam e dançam e sua música é cantada por todo o grupo” (COSTA; MENDONÇA; SILVA, 2019, p. 07).

Há também os chamados embaixadores que “ficam do lado do mestre e na frente dos cordões, com a função de cantar junto com o Mestre e conduzir as figuras quando os cordões fazem alguma movimentação. Eles funcionam com um representante do Mestre nos cordões” (CAMPOS; MAGALHÃES, 2021, p. 49). Cada personagem possui um figurino adequado a sua função na apresentação. Com destaque para o mestre que usa um chapéu em formato de igreja católica, reafirmando assim a sua posição central dentro do grupo.

Já quanto à estrutura do folguedo, é importante lembrar que:

Os personagens centrais vão contando as histórias que são cantadas, assim o espetáculo constitui-se por uma sequência de músicas dançadas, chamadas de Peças que são antecedidas e finalizadas por cantigas e danças características do Reisado e intercaladas pelas Marchas, músicas cantadas ou não, a qual o sanfoneiro toca acompanhado por um tambozeiro, um tocador de triângulo e o grupo executa a coreografia. Na sequência acontecem as Partes, as Embaixadas e os Entremeios (SANTOS, 2021, p.30).

O guerreiro segue uma estrutura organizada dividida em três grandes partes: as peças, as embaixadas e os entremeios. “As peças são as partes dançadas e cantadas, as embaixadas as partes declamadas, e os entremeios são partes teatralizadas, que podem ser dançadas e cantadas” (CAMPOS; MAGALHÃES, 2021, p. 48). A dança é um importante elemento no Guerreiro que permeia todas as partes, de modo que

No desenrolar da apresentação temos partes cantadas e dançadas; as Embaixadas ou as partes declamadas ou Chamadas de Reis; e as curtas representações Dramáticas que são denominadas de Entremeios ou Figuras em sua formação. Nesta formação do Guerreiro Alagoano as Peças são dançadas num sapateado típico em dinâmicas de movimentos pelos brincantes. As Embaixadas são os etnotextos que costumam o desenvolvimento desta prática espetacular definindo-se como o roteiro narrado pelo Mestre, geralmente em rimas ou versos poéticos (SANTOS, 2021, p.31)

Também as espadas são elementos simbólicos importante presente no Guerreiro. As encenações de guerras visam lembrar importantes momentos da história em que se ouve luta da parte dos povos menos favorecidos em busca de seus direitos, trata-se de índios, negros e tantos outros vítimas da exclusão e da exploração de sua força produtiva. Todas as espadas são decoradas com fitas coloridas e geralmente são confeccionadas de madeira e revestidas com papel alumínio. “No momento em que se simula um combate de espadas, os brincantes se dividem em duplas, para que a disputa inicie. As demonstrações normalmente são dos brincantes encostando as espadas dançando e declamando uma

pequena poesia sobre as razões do confronto encenado” (SANTOS, 2021, p.33).

O que serve apenas para corroborar com a ideia defendida nesse trabalho de que o Guerreiro Alagoano é expressão de “memória viva das tradições do nosso povo, na sua dança, no comportamento, nas vestimentas, em cada detalhe dessa manifestação folclórica podemos fazer um link com as vivências ocorridas em Alagoas, em diferentes épocas” (SANTOS, 2021, p.31).

Um ponto interessante a ser destacado é o caráter familiar que o Guerreiro acabou assumindo. Com o passar dos anos muitos grupos enfrentaram por diversas razões uma queda significativa no número de seus componentes. No entanto, a vinculação familiar se mostrou importante na missão de conservar a existência do grupo. “As famílias que participam do guerreiro juntas, compõem uma personalidade que reflete em grau de responsabilidade uns com os outros. Porque cria uma memória afetiva, que o acompanha na sua formação, exercendo uma função social” (SANTOS, 2021, p.32). Cabe a essas famílias a importante missão de preservação da memória e da identidade do movimento.

A questão da preservação da existência do grupo é um tema delicado. Muitos grupos enfrentam sérias dificuldades, pois são em sua maioria formados por pessoas simples, de baixa renda. A falta de incentivo por parte do poder público é um desafio enfrentado também por vários grupos que se sustentam em sua maioria da colaboração dos próprios integrantes em especial das doações do mestre. Aqui será destacado a situação de um grupo em particular, o grupo Guerreiro São Pedro localizada no Conjunto Luís Pedro I, em Maceió (SANTOS, 2021).

Percebe-se, portanto, que a luta pela existência do grupo é “uma luta de resistência, de permanecerem vivos com sua arte com sua história do folguedo. Permanecendo com sua essência de décadas passadas rompendo a barreira do tempo[...].” (SANTOS, 2021, p. 34). O Grupo Guerreiro São Pedro Alagoano foi criado em 1998 pelo mestre Juvenal Domingos que chegou a receber o título de Patrimônio Vivo de Alagoas em 2010. Há algum tempo o mestre está debilitado por uma enfermidade e quem ficou responsável por coordenar o grupo foi a senhora Maria Helena da silva, conhecida como Marlene que na dança atua como a rainha.

Atualmente, o grupo conta com 27 integrantes com idades entre 5 e 90 anos. E, embora pequeno, o grupo se esforça pela “conservação da arte e do folclore de um povo que preserva e mantém seus valores e sua cultura não deixando cair no esquecimento, mas repassado de geração a geração” (SANTOS, 2015, p.35). A última vez que o grupo se apresentou publicamente foi em novembro de 2019 durante o evento “Natal do Folguedos” realizado pelo Governo do Estado de Alagoas. Neste mesmo ano, o Governo do Estado por meio da Secretaria de Cultura lançou um edital fornecendo auxílio financeiro a grupos de folguedos. Felizmente, o grupo Guerreiro São Pedro Alagoano foi contemplado, ainda que o recurso seja insuficiente para custear todas as despesas.

No entanto, é fácil observar que os grupos de Guerreiro assim como outras diversas

manifestações artísticas permanecem em situação quase invisíveis não sendo reconhecidos em seu valor artístico-cultural, “pois muito pouco se fala nos ambientes escolarizados, nas universidades e nas academias de arte” (SILVA, 2015, p.130). Nesse sentido, este trabalho entende a importância de se trabalhar a temática do folclore, em especial do Guerreiro Alagoano no âmbito da educação.

Educação aqui pode ser entendida como um “instrumento de manutenção ou transformação social. Assim sendo, ela necessita de pressupostos, de conceitos que fundamentem e orientem os seus caminhos. A sociedade dentro da qual ela está deve possuir alguns valores norteadores de sua prática” (COSTA; MENDONÇA; SILVA, 2019, p.09). Entre esses pressupostos considera-se a cultura como um eixo importante a ser trabalhado enquanto prática pedagógica, pois a cultura carrega em si mesma a ideia de herança social a medida que tudo o que ser humano faz, produz, transforma e aprende é cultura.

Compreende-se assim, que a educação ela pode assumir um viés transformador ou mantenedor de determinados comportamentos sociais a medida em que reconhece e valoriza a cultura como principal modo de combate às diferenças. Por isso, as manifestações folclóricas devem ser consideradas como ponto de grande importância na elaboração de planejamentos e dos currículos escolares (GONÇALVES; GRAUPMANN, 2017).

Desse modo, a escola tem papel fundamental e privilegiado de produção e difusão da cultura. E é papel do professor “planejar de maneiras diversificadas atividades que levem os alunos a entender processos culturais” (GONÇALVES; GRAUPMANN, 2017, p. 6288). E no contexto educacional brasileiro, deve ser repassado aos alunos a vasta diversidade cultural do país e com enfoque nas manifestações artístico-culturais do próprio local onde estão inseridas, aproximando-as da realidade do aluno.

O conteúdo deve ser aplicado de forma leve a prazerosa, estimulando o conhecimento e despertando o interesse pelo assunto “permitindo que o aluno faça um elo entre os conteúdos propostos e com atividades de seu mundo real, estimulando também a valorização e o respeito pelos brincantes do folguedo” (COSTA; MENDONÇA; SILVA, 2019, p. 10). Todavia, por vezes se percebe que “há uma falta de conhecimento por parte dos professores, diretores e corpo docente sobre a especificidade do tema e o que não é de conhecimento da comunidade escolar dificilmente será aplicado corretamente no mesmo âmbito” (GONÇALVES; GRAUPMANN, 2017, p. 6289).

É de suma importância que os gestores públicos invistam na capacitação dos professores quanto aos conteúdos em âmbito artístico-cultural especialmente aqueles que se referem à cultura local. Pois a abordagem quanto aos folguedos populares e sua valorização permite uma aproximação da temática junto às crianças e aos jovens, “visando valorizar o lugar onde vivem as festas e os costumes de seu povo [...] instigando também seu respeito pelo outro, principalmente o respeito pela cultura popular, que nos dias atuais está sendo deixada de lado” (COSTA; MENDONÇA; SILVA, 2019, p.11).

E inseridos na dinâmica cultura do Guerreiro essas crianças e jovens poderão perceber que o Guerreiro Alagoano não é somente “coisa do passado”, mas que ele assume um duplo caráter interessante, pois, mesmo tempo em que é tradicional também é contemporâneo. Como explica melhor Silva (2015, p. 128):

O fenômeno da dança do Guerreiro é tradicional porque seu enredo, figurino, letras, músicas, danças e Entremeios existem, e resistem e existem nesse lugar de memória, mantem-se reinventando se enquanto fazer. O fenômeno do Guerreiro é contemporâneo porque é feito pelos grupos humanos que vivem nesse tempo, mas que ao mesmo tempo, revivem por meio de suas memórias, os seus lugares de memórias na personificação desses figurantes em figura.

A partir de uma educação transformadora que integralize os conteúdos disciplinares com a realidade cultural em que os alunos vivem é que eles poderão nutrir dentro de si, um sentimento já presente em seus ancestrais que é o amor pelo Guerreiro. Para muitos que ainda insistem em manter participantes do grupo, o Guerreiro não é apenas uma brincadeira é muito mais que isso, é uma tradição de família é também uma diversão, mas é acima de tudo, uma manifestação cultural que mercê respeito e dedicação (COSTA; MENDONÇA; SILVA, 2019).

Movidos por esse amor é que os grupos conseguem superar as dificuldades financeiras e estruturais e continuarem se reinventando. Tanto o grupo Guerreiro São Pedro como os demais grupos “se reinventam a partir de suas realidades; a criatividade é o que faz os grupos continuarem ativos” (SILVA, 2015, p.147). E embora haja ainda uma quantidade significativa de grupos (bem menos do que deveria) cada grupo é um núcleo independente de arte, canto e dança e que precisa ser revalorizado em seu valor artístico-cultural.

### 3 | CONCLUSÃO

O presente trabalho buscou apresentar uma reflexão acerca da manifestação artística do Guerreiro Alagoano. Observou-se que essa dança possui muitas similaridades a outros folguedos natalinos, contudo, desenvolveu ao longo do tempo características particulares que tornam o Guerreiro uma arte presente somente no Estado de Alagoas. Essa afirmação concede ao Guerreiro um papel muito importante a medida em que ele atua como instrumento de identidade de um povo.

A observação do Guerreiro e de suas particularidades exigiu que a pesquisa se debruçasse também sobre os conceitos de folclore e de cultura popular e de como a dicotomia entre cultura erudita e popular bastante presente na época da formulação do termo folclore (Inglaterra do século XIX) ainda persiste nos dias atuais se refletindo de modo concreto no pouco conhecimento que as gerações mais novas têm sobre o assunto.

Observou-se que os grupos que ainda sobrevivem enfrentam problemas financeiros,

pois o incentivo público fornecido aos grupos é insuficiente, fazendo com que as atividades sejam em sua maioria bancada pelos próprios participantes. E há uma dificuldade também de âmbito estrutural visto que muitos grupos vêm enfrentando uma escassez de integrantes, pois muitos jovens não têm interesse em participar dessas atividades.

Esse desinteresse juvenil pode ser resultado da falta de inserção do folclore e suas práticas na dinâmica educacional. Por isso, este artigo entende que é essencial que o Guerreiro Alagoano seja também trabalhado nas escolas a fim de que crianças e jovens compreendam o valor histórico-cultural dessa manifestação e possam assim nutrir mais interesse.

Mais do que um incentivo em políticas públicas do setor de cultura e educação, o Guerreiro Alagoano necessita de um trabalho social conscientizador, não só para expressar as riquezas e particularidades próprias da manifestação, mas para evidenciar a sua influência e papel na sociedade e na valorização da cultura dos povos. Trata-se na verdade de uma temática bastante complexa e abrangente e que precisa de mais pesquisas, sobretudo as que relacione o Guerreiro Alagoano enquanto fenômeno também de caráter religioso.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Denise F. C. D. **A contribuição do folclore na aulas de literatura infantil.** (Licenciatura em Pedagogia) - Centro Universitário de Brasília. Brasília/DF, p. 64. 2005.

CAMPOS, Marcos A. A.; MAGALHÃES, Patrick A. M. **Apostila de danças tradicionais brasileiras.**

CATENACCI, Vivian. Cultura popular- entre a tradição e a transformação. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo/SP, v. XV, n. 2, p. 28-35, abr. 2001. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/spp/a/VNzdj3bndNsGT3mHhwg5krk/?lang=pt>>. Acesso em: 01 julho 2021.

COSTA, Rosimeire M.; MENDONÇA, Eliene D. S.; SILVA, Priscilla A. O GUERREIRO ALAGOANO SÃO LUIZ: HISTÓRIA, MEMÓRIA E SABEDORIA POPULAR. **Educon**, Aracajú/SE, v. XIII, n. 1, p. 1-12, setembro 2019. Disponível em: <[http://anais.educonse.com.br/2019/o\\_guerreiro\\_alagoano\\_sao\\_luiz\\_historia\\_memoria\\_e\\_sabedoria\\_popula.pdf](http://anais.educonse.com.br/2019/o_guerreiro_alagoano_sao_luiz_historia_memoria_e_sabedoria_popula.pdf)>. Acesso em: 01 julho 2021.

DOMINGUES, Petrônio. Cultura popular: as construções de um conceito na produção historiográfica. **História (São Paulo)**, v. XXX, n. 2, p. 401-419, ago./dez. 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/his/a/TX6Cn5qhr85zFwnKbpbZtK/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 01 julho 2021.

GONÇALVES, Fábio K.; GRAUPMANN, Edilene H. O ENSINO DO FOLCLORE NAS ESCOLAS: A PERSPECTIVA DE DOCENTES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL. **Anais do XIII EDUCERE- Congresso Nacional de Educação**, Curitiba/PR, p. 6283-6294, 2017. Disponível em: <[https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/25878\\_13431.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/25878_13431.pdf)>. Acesso em: 01 julho 2021.

SANTOS, Verônica L. D. **GUERREIRO SÃO PEDRO ALAGOANO: lutas e resistências na conservação da cultura folclórica (Maceió/AL, 1990-2020).** (Licenciatura em História) - Universidade Federal de Alagoas. Maceió/AL. 2021.

SILVA, Cláudio A. S. D. **O GUERREIRO ALAGOANO: CORPO E PEDAGOGIA MULTIRREFERENCIAL**. (Mestrado em Artes Cênicas) - Universidade Federal da Bahia. Salvador/BA, p. 162. 2015.

SILVA, Juliana G. D. **Criar, Cantar e Dançar: reflexões etnográficas do Guerreiro – folguedo alagoano**. (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Pernambuco. Recife/PE, p. 156. 2015.

SILVA, Juliana G. D.; SANTOS, Felipe F. D. S. O cotidiano de um folguedo e a sua reinvenção: as contribuições de mestres e brincantes para a manutenção, preservação e transformação de um grupo de Guerreiro de Alagoas. **Anais da 29ª Reunião Brasileira de Antropologia**, Natal/RN, agosto 2014. Disponível em: <[http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1401972534\\_ARQUIVO\\_artigoCompletoDaRBAJulianaGoncalveseFelipeFreire.pdf](http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1401972534_ARQUIVO_artigoCompletoDaRBAJulianaGoncalveseFelipeFreire.pdf)>. Acesso em: 01 julho 2021.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Abrigos de bondes em Salvador 109  
Art déco 109, 110, 111, 113, 114, 116, 121  
Arte 1, 2, 16, 22, 23, 24, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 57, 72, 74, 75, 85  
Arte brasileira 44, 45, 49  
Arte e cultura 1  
Atualidade 15, 67, 98, 131

### B

Base Nacional Comum Curricular (BNCC) 76, 77, 85  
Benedura 3, 4, 13, 14  
Benção 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 13  
Bienal 44, 45, 49, 50, 51, 52, 54  
Bienal de São Paulo 44, 49, 50, 51, 52, 54  
Bienal Incerteza Viva 44, 50, 52

### C

Cancioneiro feminino 122, 123, 124, 126, 127, 129, 130, 131, 132  
Canções da Belle Époque 122  
Cinema 58, 71, 72, 73, 74, 75  
Conservação da cultura folclórica 15, 25  
Cultura 1, 3, 5, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 22, 23, 24, 25, 30, 41, 45, 51, 52, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 79, 84, 85, 86, 99, 107, 121, 127, 128, 132, 133  
Cura 3, 5, 6, 9, 13, 14

### D

Desenvolvimento social 87, 90  
Desporto aquático 87, 88  
Deus 3, 7, 8, 9, 33, 34, 35, 38, 39, 40, 68  
Divino 3, 4, 5, 33, 34, 64, 65

### E

Educação adaptada 87  
Educação não formal 87, 88  
Emmanuel Lévinas 27, 38

Enfermaria 1

Enfermaria de pediatria 1

Estado de Alagoas 15, 16, 18, 19, 22, 24

Exclusão 21, 83, 85, 87, 89, 91, 95, 105, 106, 107, 128, 129, 133

Experiência formativa 76, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 84, 85

Expressionismo alemão 71, 75

## **F**

Formação de psicólogos 95, 103

## **G**

Grupo Arte Única 1, 2

Guerreiro 15, 16, 19, 21, 22, 25, 26

Guerreiro Alagoano 15, 16, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26

Guerreiro São Pedro Alagoano 15, 22, 25

## **H**

Hospital de Clínicas da Unicamp 1

Humanização 1, 2

## **I**

Inclusão 55, 59, 66, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 119, 131

Influência 13, 25, 46, 47, 58, 82, 113

Interior da Amazônia 3, 4, 5, 6, 9, 13

## **J**

Jacques Derrida 27, 34

Jorge Menna Barreto 44, 45, 50, 52

Juventude pobre 95, 101, 102, 104, 105, 106, 107, 108

## **L**

Linguagens arquitetônicas 109, 111

## **M**

Maceió 15, 19, 22, 25

Manifestação 15, 16, 18, 19, 22, 24, 25, 32, 73

Manifestação artística 15, 24

Manifesto Pau-Brasil 44, 51

Meio-ambiente 44, 45, 47, 51, 52

Memória 15, 22, 24, 25, 27, 38, 58, 63, 66, 68, 101, 109, 113, 123, 132

Mulheres compositoras 122

## **N**

Neocolonial 109, 110, 111, 112, 121

Novas tecnologias 44, 45, 49, 50, 52, 111

Novo trabalhador 76

## **P**

Pará 122, 123, 124, 125, 126, 127, 129, 130, 131, 132, 133

Pediatria 1

Pessoa com deficiência 92, 93

Políticas públicas 25, 55, 56, 57, 64, 66, 67, 77, 83, 84, 86, 89, 94, 97, 98, 99, 100, 105, 106, 107

Práticas de exclusão social 95

ProAC Indígena 55, 56, 57, 60, 61, 63, 66, 69, 70

Projeto Vivências Culturais 1

Psicólogos 95, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107

## **R**

Reolhar do medo 71

Representações sociais 95, 97, 99, 100, 101, 104, 105, 107, 108

## **S**

Sagrado 3, 4, 5, 6, 7, 13, 34, 40, 49, 63, 64, 65

Simbologia 6, 7, 8, 9, 13

Sociedade 3, 5, 15, 16, 17, 18, 23, 25, 50, 52, 56, 59, 76, 77, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 89, 90, 92, 93, 97, 98, 99, 100, 105, 106, 131

Sociedade brasileira 76, 77, 105

Sulpício 27, 29, 31, 36, 39, 40

## **T**

Teatro Municipal de São Paulo 44, 46

Tradução cultural 27

## **W**

Walter Benjamin 27, 32, 33, 34, 36, 76, 77

## Z

Zeca Andorinho 27, 29, 31, 35, 36, 37, 39, 41

# CULTURA, SOCIEDADE E MEMÓRIA:



Manifestações e influência na atualidade

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

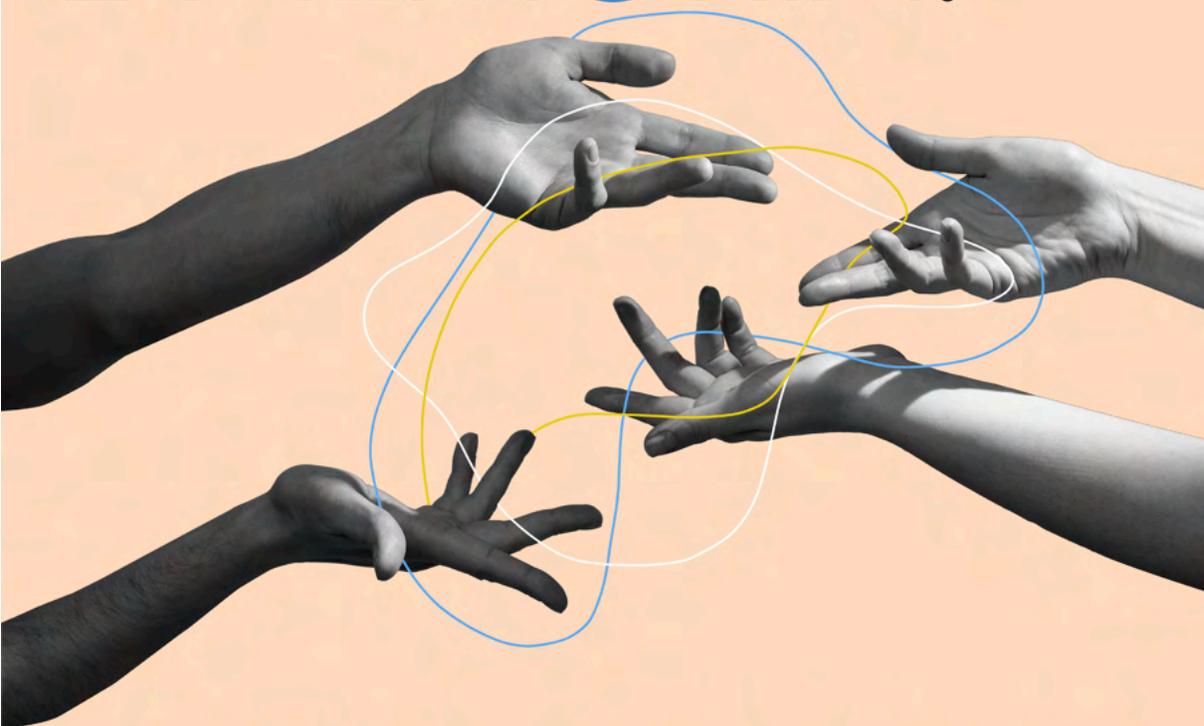
[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

Atena  
Editora

Ano 2021

# CULTURA, SOCIEDADE E MEMÓRIA:



Manifestações e influência na atualidade

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

 **Atena**  
Editora

Ano 2021